

INSTITUTO  
 Documentação  
 SOCIOAMBIENTAL  
 Fonte isto é  
 Data 15/1/2003 8972-73  
 Class. 21

CIÊNCIA, TECNOLOGIA & MEIO AMBIENTE

ECOLOGIA

# POLUIÇÃO À

**O Brasil dá os primeiros passos no comércio de carbono, uma forma de gerar divisas e reduzir o efeito estufa**

LINO RODRIGUES

**O** Brasil poderá ser um dos grandes beneficiados com o nascimento de um mercado mundial de algo que parece inusitado: a poluição atmosférica. A compra e a venda desse “produto” – ou seja, o direito de uma nação desenvolvida de poluir o ar em troca de investimentos em energia limpa no Terceiro Mundo – está prestes a começar. Sob a alcinha de Mecanismo de Desenvolvimento Limpo, ou MDL, o sistema, criado em 1997 pelo Protocolo de Kyoto, deve entrar em operação neste ano.

O mercado funciona da seguinte forma: uma empresa inglesa, que libera na atmosfera grandes quantidades de gás carbônico – um dos principais agravadores do efeito estufa –, pode continuar a poluir se entrar no chamado comércio do carbono. Ou seja, ela paga para que uma empresa de um país em desenvolvimento, como o Brasil, diminua em seu lugar as emissões de CO<sub>2</sub> por meio de projetos ambientais.

Entre os projetos, estão aqueles que estimulem a produção de energia limpa, como a solar e a gerada a partir de biomassa, e os que removam carbono da atmosfera. Nesse campo, chamado sequestro de carbono, os principais planos consistem no replantio de florestas que, ao crescer, absorvem CO<sub>2</sub> do ar.

Ao investir nesses projetos, as empresas ganham o equivalente a cotas de carbono que elas podem continuar a liberar na atmosfera. Essas cotas são chamadas créditos de carbono. Essa espécie de “direito de poluir”, deve entrar em vigor se for aprovado em definitivo o Protocolo de Kyoto, que estipula que os países industrializados terão que reduzir em 5,2% suas emissões no período de 2008 a 2012.

Mesmo não oficializada, a compra e venda de carbono está mexendo com muitas empre-



REPLANTIO Peugeot mantém projeto de absorção de carbono

sas brasileiras. Certas de que poderão aumentar suas receitas e melhorar o ambiente, elas se preparam para participar de um mercado que pode movimentar só no Brasil US\$ 300 milhões por ano, de um total estimado de US\$ 3 bilhões a US\$ 10 bilhões anuais no mundo todo. “Será muito difícil o carbono ultrapassar as commodities tradicionais, mas será um mercado muito importante”, diz Marcelo Junqueira,



Documentação

SOCIOAMBIENTAL

Fonte isto é

Data 15/1/2003 Pg 73

Class. 21

# VENDA

**FUMAÇA**  
 Poluição no Vale do Paraíba: mercado de emissão de carbono pode gerar US\$ 300 milhões por ano no Brasil

diretor-executivo da subsidiária brasileira da americana Econergy e especialista na área de energia limpa. Com 13 projetos em andamento, a empresa já conseguiu um certificado de pré-validação para a Cia. Energética Santa Elisa, de São Paulo, que usa bagaço de cana-de-açúcar para produzir energia.

Já a multinacional francesa Peugeot patrocina o Projeto Poço de Carbono, na região amazônica do Estado de Mato Grosso, no qual investiu US\$ 11 milhões com o objetivo de promover o sequestro de 50 mil toneladas de carbono por ano no período de 2003 a 2043, por meio do reflorestamento de cinco mil hectares de pastagens degradadas.

Outro exemplo é o da Siderúrgica Plantar, de Minas Gerais, que recebeu do Banco Mundial US\$ 5,3 milhões para substituir carvão mineral por vegetal na produção de ferro gusa. A siderúrgica deixará de emitir 1,1 tonelada de CO<sub>2</sub> por cada tonelada do produto produzida. "É uma vantagem competitiva", diz Marco Antonio Fugihara, da PriceWaterHouseCoopers e responsável pelo projeto da Plantar.

O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) percebeu o potencial de o País vender créditos de carbono e preparou uma grande campanha de marketing para o mercado internacional. A idéia é mostrar as vantagens brasileiras em relação aos seus principais rivais, a Índia e a China. "O Brasil tem condições de atrair investimentos, pois tem um mercado de capitais sólido e território e clima para absorção de tecnologias", diz Isaura Frondizi, gerente-executiva de meio ambiente do BNDES. Se tudo der certo, o banco deverá se transformar em um centralizador dos projetos ambientais, dando certificações e incentivo financeiro aos novos programas.

**Início próximo** – O mercado de carbono ainda não é oficial porque os países do chamado Anexo 1 (36 no total, incluindo Europa, Japão e Canadá) ainda não atingiram um número de assinaturas suficiente para colocar o Protocolo de Kyoto em vigor. Para isso, é preciso a assinatura da Rússia – dona de 18% das emissões. A expectativa é que isso aconteça ainda no primeiro semestre de 2003. Mesmo não assinando o documento, os EUA, com 25% do total mundial das emissões de gases poluentes, ficariam obrigados a cumprir as metas sob pena de punição, a exemplo do que acontece na Organização Mundial do Comércio (OMC), que impõe sanções aos membros que infringem um dispositivo ou uma regulamentação. ■